

O PONTO



MARÇO DE 2022, Nº 15

Projeto de extensão de estudantes e professores de Letras - UNILAB/BA

COMO É SER MULHER EM 2022?

EDITORIAL

SABRINA BALSALOBRE

Igual... igual a todos os anos!

Sim, essa resposta é simplista, exageradamente concisa, pouco sofisticada. Entretanto, ela igualmente expressa um desalento... uma espécie de suspiro de quem reconhece que “ser mulher” é uma condição essencialmente de luta política! E há tanta luta a ser empreendida...

Desde tempos antigos, a mulher briga por equidade social, por seus direitos reprodutivos (sim, pelo direito à escolha sobre o seu próprio corpo), contra a violência aos seus corpos... Há tantas reflexões e ações contra as consequências da sociedade patriarcal, alicerçada no capital, que impõem à mulher as mais humilhantes condições de subalternidade. São séculos de luta por igualdade de direitos e pelo reconhecimento das diferenças e especificidades. Tempos que atravessaram várias e várias vezes o 08 de março – data que simboliza o grito das mulheres por melhores condições de vida e de trabalho no mundo todo!

Eis que passamos por mais um 08 de março... Dessa vez, 08 de março de 2022! Temos coisas a comemorar? Sim, temos! Temo sim! A luta feminista de nossas antecessoras permitiu que hoje pudéssemos votar, estudar, desempenhar cargos e funções em todos os setores do mercado de trabalho... Mas, por outro lado, os retrocessos de que estamos sendo testemunhas oculares no Brasil atual nos obrigam a ligar um sinal de alerta importante.



Em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, o infelizmente presidente do Brasil lançou mais uma de suas “pérolas” em seu discurso oficial: *“As mulheres praticamente estão integradas na sociedade”*. Sim, “praticamente”! É uma pena, mas ele tem razão. Durante seus anos a frente da governança pública do Brasil, muito ele contribuiu para que as mulheres vissem sua condição política e social regredir no que se refere à integração na sociedade. Por exemplo, por conta do empobrecimento da população, passamos a experimentar com muito mais violência a “pobreza menstrual”, o que impede incontáveis mulheres de exercer suas atividades diárias em função de estarem menstruadas, por não conseguirem comprar absorventes ou coletores menstruais. Considerando que as condições de vida pioram muito no Brasil e que muitas famílias voltaram ao mapa da miséria, o acesso aos cuidados menstruais mais básicos tem impedido muitas mulheres de estudar e de trabalhar. Como as mulheres estariam, portanto, integradas plenamente à sociedade se o acesso ao mais elementar cuidado menstrual tem sido negado? Foi justamente essa aberração que ocupa atualmente espaço na presidência da república o responsável pelo veto ao projeto de lei que previa distribuição gratuita de absorventes higiênicos às estudantes de ensino fundamental e médio e às mulheres presidiárias, conferindo-lhes o mínimo de dignidade em sua condição de ser mulher.



Por falar em aberração, nas vésperas do 08 de março de 2022, outro expoente homem, branco, hetero da política brasileira nos obrigou a testemunhar o supra sumo da misoginia. Como se uma guerra por si só não fosse um evento demasiadamente lastimável, a condição de ser mulher mais uma vez foi exposta, já que comumente a violação aos corpos não hegemônicos é mais uma arma de guerra.

Nesse cenário, o infelizmente deputado estadual paulista pelo PODEMOS Artur do Val, conhecido pelo bizarro pseudônimo de “Mamãe Falei”, esteve na Ucrânia para supostamente auxiliar na resistência contra a invasão russa. Numa atitude típica do “hetero top” brasileiro, ele mandou áudios de whatsapp aos amiguinhos igualmente “hetero tops” do MBL (Movimento Brasil Livre – aquele que esteve na vanguarda do golpe misógino à presidenta Dilma), contendo mais uma pérola do machismo que tão bem caracteriza muitos da classe política brasileira: refugiadas ucranianas “são fáceis porque são pobres”. Esses áudios viralizaram no Brasil no dia 05 de março de 2022...

Esse texto tem tudo para assumir um tom absolutamente disfórico, já que em torno do 08 de março de 2022 são muitas as aberrações brasileiras contra corpos femininos cis e trans, patrocinados direta ou indiretamente pela classe política no poder (que, infelizmente, representa o pensamento padrão brasileiro). No entanto, esperança é necessário, na medida em que ser mulher é justamente uma condição política. Todos os direitos femininos conquistados advêm de lutas históricas. E erram aquelas e aqueles que acreditam que um direito conquistado é uma luta vencida. Não! Como diz a música: “É preciso estar atento(a) e forte”.

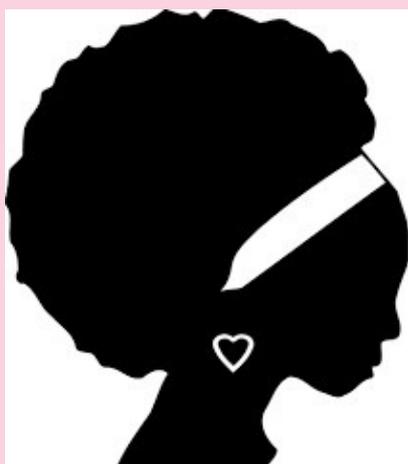
Logo depois do 08 de março, em 11 de março de 2022, recebemos um sopro de esperança de um país vizinho, o Chile! Nessa data, Gabriel Boric tomou posse como o presidente mais novo do país, aos 36 anos. Bom, mas por que justamente esse é um sopro de esperança? O ponto a ser destacado é que a composição ministerial do governo de Boric conta com 14 ministras e 10 ministros. Merece, inclusive, destaque Maya Fernanda Allende (neta do ex-presidente Salvador Allende) como ministra da defesa do país. Um governo que prima pela diversidade é um indicativo dos rumos desejados para a população...

Isso posto, é importante lembrar que 2022 é o ano das mais importantes eleições brasileiras desde a redemocratização, em função dos constantes ataques à democracia nacional desde 2016. Estarão em disputa, além do cargo de presidência, os cargos de governo de estado, de deputado estadual, de deputado federal e de senador. Todos esses postos são imprescindíveis para a escolha das políticas públicas brasileiras. É oportuno, portanto, lembrar que não basta votar em mulheres para defendermos politicamente as mulheres (haja vista nomes como os de Bia Kicis, Damares Alves... as quais defendem o machismo estrutural como suas plataformas de governo). Não podemos desperdiçar os nossos votos... É horas de analisarmos com cautela os princípios ideológicos de cada candidata e candidato (de presidente(a) a senador(a)). Ser mulher é condição política... desse modo, já que vivemos em uma democracia representativa, que possamos eleger aquelas e aqueles que efetivamente nos representem... Quem sabe assim, daqui a alguns anos, quando nos perguntarem como é ser mulher em 2032 possamos responder com mais otimismo, na direção dos avanços empreendidos contra o machismo e a misoginia.

SE O LUGAR DA MULHER É ONDE ELA QUISER, ENTÃO SEREI A MULHER, NEGRA E POBRE A OCUPAR O CARGO DE DIPLOMATA DO BRASIL (MULHERES NA LUTA ANTIRRACISTA ATRAVÉS DO FEMINISMO ENEGRECIDO)

POR ERICA PAULA VASCONCELOS
ESTUDANTE DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O título deste artigo de opinião, faz referência à frase “O lugar de mulher é onde ela quiser”, frase que se tornou um grito de guerra contra o machismo e o patriarcado, utilizada pelos movimentos feministas. As lutas feministas marcam um caminho com muitas torturas, enforcamentos e corpos queimados na sociedade que, depois, resultaram em direitos conquistados. Sob este aspecto, a autora Maria Teles, em seu artigo “*Mulheres na ditadura*”, escrito em 2015, descreve o período histórico das mulheres que lutavam por espaços na política e que tiveram suas organizações duramente atingidas pela repressão. Muitas componentes foram queimadas e, até mesmo aquelas que não participaram da luta armada, sofreram extermínio. Nesse período, mulheres foram sequestradas, torturadas, estupradas, assassinadas e desaparecidas e estas torturas aconteceram como uma estratégia política para denotação do poderio dos homens em cargos políticos.



Outro acontecimento que marcou o período histórico das lutas femininas com barbárie foi a “Caças às bruxas”, que aconteceu na Europa. A autora Silva Federici, em seu livro “*Mulheres e caça às bruxas*”, de 2019, nos coloca em posição de autoquestionamento, do porquê deveríamos falar sobre este evento, ocorrido há muito tempo atrás, e que por um tempo foi ridicularizado e folclorizado. É simples, este evento mostrou que a caça às bruxas serviu para privar as mulheres de suas práticas médicas, forçando-as a se submeterem ao controle do patriarcado da família e, assim, destruir o conceito holístico de natureza que, até a renascença, colocava limites à exploração do corpo feminino. Neste período, entre os séculos XVI e XVII, estudiosos não conseguem contabilizar a quantidades de mulheres que foram julgadas por um júri formado por homens, que as condenavam a serem enforcadas, queimadas ou afogadas sob a acusação de bruxaria e blasfêmia contra Deus.

Um outro evento que gostaria de destacar neste debate foi o mesmo evento que marcou nosso calendário no dia 8 de março, quando é comemorado o “Dia Internacional da Mulher”. Esta data surge na forma de protesto, com participações de organizações feministas de movimentos operários, e que resultou em uma “Revolução Industrial” feminina por melhores condições trabalhistas. Isso aconteceu em Nova York, em 1911, quando, em uma fábrica têxtil, mais de 130 operárias morreram carbonizadas em um incêndio, de forma proposital. Aquelas mulheres foram queimadas para servir de exemplo para outras que tentassem se revolucionar (MODELLI, 2017).

Apesar destes ocorridos marcarem a sociedade de forma hostil, e fazerem parte das lutas feministas, eles não alcançaram as narrativas das mulheres negras e escravizadas. Costumo falar que *“enquanto as mulheres brancas lutavam pelos direitos, minhas ancestrais estavam sendo trazidas nos porões dos navios negreiros para uma terra desconhecida. Enquanto as mulheres brancas estavam com seus seios para fora gritando liberdade e igualdade na marcha denominada “Queima de sutiãs” - em inglês conhecida como “Miss America protest”, evento que reuniu mais de 400 ativistas, ocorrido em 1968, conseguindo chamar atenção Mundial para o movimento de Libertação das Mulheres. Enquanto este evento acontecia, as mulheres negras, minhas avós, estavam na cozinha da “Casa Grande” fazendo comida para seus bebês”*. Na minha opinião, as lutas feministas são importantes... são essenciais! Mas, como escreve Sueli Carneiro, temos que enegrecer o feminismo para que ele seja útil também para outras categorias de mulheres não brancas.



Enegrecendo o feminismo é a expressão usada pela autora em seu artigo “Mulher em movimento”, escrito em 2003. Ela usa esta expressão com o intuito de designar a trajetória das mulheres negras no interior dos movimentos feministas brasileiros, justamente para assinalar o destaque da identidade branca e ocidental na formulação clássica feminista. Ou seja, é uma forma de denunciar teoricamente a insuficiência de materiais científicos, como também, as poucas práticas políticas no que tange aos assuntos das sociedades femininas multirraciais e pluriculturais. Sueli Carneiro procura direcionar também as teorias feministas para viabilizar perspectivas de mulheres negras que são emergentes desta condição de mulher, e também na condição de serem pobres, destacando os papéis delas na luta antirracista no Brasil.

É necessário a politização das desigualdades de gênero e ter um feminismo que transforma as mulheres em novos sujeitos políticos e, neste caso, esta condição faz com que esses sujeitos assumam, sob o lugar em que estão inseridos, diversos olhares que desencadeiam processos particulares na luta de cada grupo. Assim, por exemplo, grupos de mulheres indígenas e grupos de mulheres negras possuem demandas específicas que, essencialmente, não podem ser tratadas, exclusivamente, sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser “mulher” neste e naquele caso. Por isto a importância de que os debates teóricos sejam específicos de cada categoria de luta. Lélia Gonzalez costuma dizer que, “a tomada de consciência da opressão ocorre, antes de tudo, pelo racial”.

Eu acredito que a luta que nós, mulheres negras e pobres, travamos dia após dia é para utilizarmos estratégias no combate a essas desigualdades e que, um dia, tudo isso dará resultados. Com certeza não só estou sendo otimista, como também esperançosa quanto a isso. Eu, como mulher negra, e ainda sobre uma estética não padrão (gorda), acredito que posso vencer certos obstáculos impostos pela sociedade racista, gordofóbica, machista e misógina, sempre pensando que, em outros tempos, as lutas já foram bem piores. Todos os dias, cada militância em prol da igualdade de gênero e da conservação dos direitos das mulheres nos dá uma oportunidade de olhar o mundo de forma diferente.

Neste sentido, me coloco como exemplo, sendo mulher, negra e moradora da periferia de Salvador/BA, oriunda da educação pública, tendo na composição familiar mulheres lavadeiras de ganho, empregadas domésticas, cozinheiras, diaristas, capoeiristas e donas de casa. Sou fruto de Escola Pública, aos 17 anos me tornei universitária da rede privada de ensino, no curso de Direito e, com 23 anos, ingressei na Universidade Federal (UNILAB), conclui o Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (BHU) e, atualmente, estou concluindo minha segunda graduação em Relações Internacionais para, em breve, cursar a pós-graduação em Relações Internacionais Contemporâneas e o Mestrado na área de Segurança Internacional. Por isso, afirmo que as lutas das mulheres têm muita importância na minha história de vida e para minha futura carreira de diplomata. Finalizo com a afirmação de Larissa Isquierdo (2015), em seu texto *“Pensando o gênero nas relações internacionais”*, quando ela diz que para as feministas, o gênero é uma característica constitutiva da política internacional e da economia global, bem como da própria disciplina de Relações Internacionais.

**SENDO ASSIM CONTINUO ME
AUTOQUESTIONANDO:
“SERÁ QUE A ESTRUTURA MACHISTA
E RACISTA BRASILEIRA DARÁ
ESPAÇO PARA MULHERES NEGRAS E
POBRES NA POLÍTICA
REPRESENTATIVA INTERNACIONAL?”**

BIBLIOGRAFIA:

CARNEIRO, Sueli. **“Mulher em Movimento”**. Revista Estudos Avançados nº17, v.49, 2003.

ISQUIERDO, Larissa Bozza. **Pensando o Gênero nas Relações Internacionais**. Universidade Federal do Paraná, 2015.

MODELLI, Lais. **O Dia da Mulher é uma data política, que vem da luta de mulheres operárias e não da morte passiva**. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/esqueca-o-incendio-na-fabrica-esta-e-a-verdadeira-historia-do-8-de-marco/>. Acessado em 07 março 2017.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **“Violações dos direitos humanos das mulheres na ditadura”**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 1.001-1.022, set./dez. 2015.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas**: da Idade Média aos dias atuais. CANDIANI, Heci Regina (trad.). 1º ed. São Paulo: Boitempo, 2019. 158p.

LÍNGUA E PODER

POR ALZIRA COELHO
ESTUDANTE DO BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES

Desde sempre, a língua desempenha função de poder. Ela pode ser usada para excluir, inferiorizar e dominar as pessoas. Inferiorizar no sentido daquelas pessoas que não “falam” como está imposta a língua padrão (que é socialmente aceita). Vimos, diariamente, várias formas de mostrar um certo poder através da linguagem, de corrigir o falar das pessoas, de determinar o que é certo e o que é errado, e isso acaba por desencadear o preconceito linguístico.



Em questão da função de dominação, podemos ver um exemplo claro no processo da colonização, em que língua dos colonizadores se tornou dominante sobre a língua dos colonizados. E essas línguas colonizadoras continuaram exercendo suas influências sobre as pessoas, mesmo após o fim da colonização, como é o caso dos países africanos em que, em sua maioria, ainda têm essas línguas (europeias) como língua oficial. Este fato faz com que os povos desses países enfrentem problemas linguísticos muito grave. No Brasil também houve a exclusão de várias línguas nativas por conta do colonialismo português.

A oficialização de uma língua num país pode ter vários significados no campo político. Segundo Fernandes (2010), um dos significados políticos que não é muito visível é a exclusão e a marginalização das pessoas, o que acontece muito nos países africanos em que maioria não sabe falar ou escrever a língua oficial. No caso dos PALOPs (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa), que têm várias línguas nacionais, o português é estabelecido como a língua oficial dos seus países, muitas vezes a única língua oficial. Dando enfoque à Guiné-Bissau, este é um país plurilinguístico, constituído por mais de 20 povos de grupos étnicos e línguas diferente que compõem o seu mosaico cultural.



A Guiné-Bissau tem o português como a língua oficial, porém apenas “possui uma percentagem de 13% dos falantes” (Couto e Embalo, 2010), um número muito inferior em relação aos falantes do crioulo, que é a língua veicular entre os guineenses. Boa parte da população guineense não tem a língua portuguesa como a primeira língua. Por exemplo, uma pessoa de etnia Balanta, nascida no Sul da Guiné-Bissau, vai aprender a falar Balanta e, raras vezes, aprende a falar o crioulo. Então o português não faz parte da sua realidade social e, por ser uma língua oficial do seu país, utilizada nos atos políticos e processos formais, isso acaba excluindo essa pessoa. De uma certa forma, acaba tirando a sua participação nos atos políticos porque ela não fala e nem escreve a língua que é dita oficial no seu país.

Analogamente Gnerre (2012) fundamenta que “a linguagem pode ser usada para impedir a comunicação de informações para grandes setores da população”. Isso acontece também na Guiné-Bissau, em que uma grande parcela de população não compreende as informações políticas do âmbito nacional, que são transmitidas pelas emissoras da RDN (Radio da Difusão Nacional) e TGB (Televisão da Guiné-Bissau), porque boa parte dessas informações são passadas em português. São questões muitas das vezes difíceis de decifrar por quem tem acesso ao português, imagine para quem nem o crioulo guineense sabe falar.

Um dos exemplos do poder da língua, é a integração da Guiné-Bissau no UEMOA (União Econômica do Oeste Africano) e CEDEAO (Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental) cujos principais países fundadores são os francófonos e anglófonos, o que confere à língua francesa um certo prestígio na Guiné-Bissau. Quem fala a língua francesa tem uma grande vantagem no mercado de trabalho, em relação a quem fala somente o português.

Isso também acontece com os guineenses que vão estudar fora da Guiné-Bissau, como em Senegal, Argélia e Marrocos. Ao regressar, essas pessoas são empregadas facilmente por causa da língua francesa em relação a quem estuda em Guiné-Bissau, Brasil ou em outros países que não tem o francês como a língua oficial. Os concursos públicos do BCEAO (Banco Central dos Estados da África Ocidental) também exigem, como requisito de uma segunda língua, o francês, além do português.



Em suma, língua e poder são processos que se movimentam juntos. Conforme o professor Alexandre Silveira sempre fala nas suas aulas, “quando falamos de língua, estamos falando das pessoas porque não existe língua sem que haja pessoas”. Então o prestígio de uma língua vai depender de que posição social pertence os “donos” daquela língua, determinando “que poder essa língua tem”. Hoje, nós temos os Estados Unidos como uma das grandes potências mundiais e, diariamente, vemos a influência da língua inglesa no mundo, no cinema, nas artes e, nas produções acadêmicas, em que é necessário um resumo em inglês para a publicação dos trabalhos. Observando a ascensão da China como outra das grandes potências mundiais, pergunto: “Que futuro podemos esperar do mandarim?”

Referências:

COUTO, Hildo Honório do; EMBALÓ, Filomena. Literatura, Língua e Cultura Na Guiné-Bissau: um país da CPLP. Brasília, DF: 2010.

FERNANDES, Tamara Grisolia. Língua e poder: a língua como instrumento ou estratégia política nos países de língua portuguesa. Revista geo-paisagem (on-line). Ano 9, n°17, 2010.

GNERRE, Maurizio. Linguagem, escrita e poder. - 5ª.ed.- São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. - (Coleção Linguagem)

A RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA E PODER NA GUINÉ-BISSAU

POR VILMA NUNES CORREIA
ESTUDANTE DO BACHARELADO
INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES

A República da Guiné-Bissau (1) dispõe de um contexto sociolinguístico multilíngue e pluricultural desde os tempos remotos. Entretanto, a ocupação colonial portuguesa, realizada a partir de 1446, provocou o contato cultural e linguístico entre os povos autóctones desta região com os portugueses. Tal acontecimento condicionou o surgimento da língua veicular, o guineense/*kriol*, língua nacional(2), conforme Costa (2014). Desta maneira, a consolidação do processo colonial na Guiné, depois da conferência de Berlin de 1884-1885, instituiu a língua portuguesa como a única língua do ensino, fazendo do português a língua alvo e de prestígio, como explica Cá (2012), fato que leva ao apagamento das culturas locais e à obsolescência das línguas nativas.



A despeito da paisagem linguística, formada pelo mosaico cultural do país que é complexo e heterogêneo, a política linguística efetuada não leva em conta o contexto multilíngue, posto que o sistema do ensino herdado dos colonizadores preserva ao português, idioma oficial (3), conferindo o privilégio de ser o único idioma no sistema do ensino público. Contudo, o guineense/kriol é a língua mais falada no país, contando com 90% da população que a fala no dia a dia, enquanto que apenas 10% da população se comunica em português (Fernandes, 2010). Segundo Couto (1991) a esfera comunicativa nas zonas rurais é dominada pelas línguas étnicas, assim sendo, faria sentido que fosse pensada a implementação das línguas locais ou do kriol no referido sistema do ensino.

Em conformidade com Fernandes (2010), a língua constitui um elemento estratégico em termos políticos na Guiné-Bissau e o português, por ser a única língua consagrada pela constituição da República da Guiné-Bissau como oficial, carrega, por conseguinte, prestígio político e social atrelados aos campos semânticos da elegância, civilização, inteligência, simpatia sobre quem o “expressa bem”. Isso, portanto, diz muito sobre como os que não têm o privilégio de estudar essa língua são tratados, claro, com adjetivos a contrários aos mencionados.

Além do português, os idiomas estrangeiros, inglês e francês, gozam também de status similares, pois os cidadãos guineenses que falam estas línguas ganham empregos com mais facilidade em relação aos que falam apenas o guineense ou o português. Depois de mais de 40 anos da independência guineense, a língua portuguesa e as estrangeiras já citadas exercem ainda o poder da dominação em relação às línguas autóctones, mantendo, assim, a hegemonia numa parcela privilegiada e assimilada da população nos espaços de poder.

Essas situações incentivam a desvalorização das línguas nativas e, conseqüentemente, o apagamento das nossas culturas. Hoje em dia, há uma grande corrida para a aprendizagem do português, francês, inglês e espanhol, enquanto as línguas locais enfrentam ameaças de desaparecimento, pois os falantes dessas línguas são da camada da população adulta ou idosa. As camadas juvenis e infantis não se interessam pelas línguas locais e nem são de alguma forma estimuladas a isso. Isso é extremamente lamentável quando o próprio sistema político apoia as instituições europeias a difundirem suas línguas em nosso país, e não trabalham pela valorização das nossas línguas que permanecem sem qualquer política pública que as mantenham vivas.



Entretanto, vale ressaltar que a relação entre poder e língua na sociedade guineense está cada vez mais presente e que o fato narrado anteriormente, tem lidado com os oponentes daquela realidade. Alguns políticos e ativistas usam as línguas locais como mecanismos para conquistar a confiança da sociedade. Para Gnerre (2009), o poder da língua é utilizado para mobilizar as pessoas para serem ouvidos e respeitados como dirigentes de uma comunidade ou uma organização, sendo que, segundo o autor, o poder da língua determina a posição social de um indivíduo dentro do contexto social cultural assim como político. Dessa forma, os oponentes ao prestígio dado ao português no país compreendem os motivos da resistência dos diferentes grupos linguísticos à dominação eurocêntrica por meio da língua. Por isso, veem a pertinência de usar falares locais para reduzir o distanciamento e ganhar a empatia desses cidadãos, uma vez que a língua é o patrimônio cultural de um povo disposta como passaporte na tradição de um país (GNERRE, 2009).

Diante do exposto, gostaria de fechar esta comunicação enfatizando a necessidade de repensar o sistema educativo do ensino público guineense, principalmente, sobre a possibilidade de uma implementação do ensino bilíngue (português-guineense ou de forma inversa). Ou ainda, destacar a possibilidade de usar as línguas locais na escola e em outros espaços públicos oficiais, tendo em conta a conjuntura sociolinguística que o país dispõe e as demandas de preservação das línguas autóctones do país.

Notas da autora

1 - Trata-se de um país, ex-colônia portuguesa, localizado na costa ocidental da África, limitado no Norte com a República do Senegal, à leste e sul pela República de Guiné-Conakry e a oeste pelo Oceano Atlântico. A sua superfície é de 36.125km². O País é constituído por uma parte continental e insular, composta por cerca de 80 ilhas. Contém uma diversidade linguística enorme, mais de duas dezenas de grupos linguísticos autóctones (COUTO & EMBALÓ, 2010).

2 - A língua nacional é aquela que representa uma unidade, uma identidade, uma herança étnico cultural e representa a consciência nacional (FERNANDES, p. 04).

3 - A língua é aquela garantida por dispositivos legais (leis), ou seja, é criada por lei de um Estado, portanto, é usada nos ambientes formais e oficiais.

REFERÊNCIAS

- CÁ, Lourenço Ocuni. **Cultura escolar e os povos coloniais: A questão dos assimilados nos países africanos de língua oficial portuguesa (palop1)**. ETD – Educ. Tem. Dig. Campinas, 2012.
- COSTA, Paula Mendes. **Descrição fonológica do crioulo guineense. Dissertação de mestrado**. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2014.
- COUTO, Hildo Honório do; EMBALÓ, Filomena. **Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau: um país da CPLP**. *Papia*, Brasília, n. 20, p.1-254, 2010.
- COUTO, Hildo Honório do. Unidade versus diversidade linguística na Guiné-Bissau. **PAPIA**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 42-48, 1991. Disponível em: <<http://abecs.net/ojs/index.php/papia/article/view/178/289>>. Acesso em: 13 fev. 2022.
- GNERRE, Maurizio. **Linguagem Escrita e Poder**. Livraria Martins Fontes Editora Ltda, São Paulo, para a presente edição 2009.
- FERNANDES, Tamara Grisolia. Língua como instrumento de outra estratégia de política de nos Países de língua portuguesa. **Geo-paisagem** (on-line) 2010.



Resenha...
Resenha...
Resenha...



UM OLHAR SOBRE A LUNETA MÁGICA

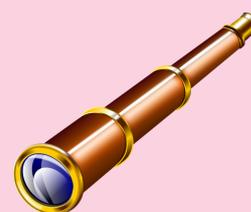
POR DÉBORA TELES

Em *A luneta mágica*, de Joaquim Manuel de Macedo, somos apresentados a Simplício, um jovem órfão que mora com sua tia Domingas, a prima Anica e seu irmão Américo, que é quem cuida de seus bens. O personagem central dessa obra (Simplício) se apresenta ao leitor como nascido sob influência de estrela maligna e declara: “Sou míope; pior que isso, duplamente míope, míope física e moralmente.” (p.21).

Sua história se vê aos pés de uma transformação quando, certo dia, ele é convidado para compor um júri, onde se vê ainda mais infeliz por sua dupla miopia. Mas para sua sorte, conhece o Nunes, que compadecendo-se de sua condição se oferece para levá-lo até o Reis a quem chama de “graduador de vidros miraculosos”, o homem que poderia, através de lentes, lhe dar a visão.

A miopia do pobre moço se mostra muito severa para ceder a vidros, e num ato de misericórdia e credulidade o Reis acende uma esperança de visão quando conta ao nosso caro míope sobre um armênio que abriga em seu armazém e que, por meio de magia, poderia lhe dar a visão, já cansado de sua miopia, Simplício aceita. O armênio lhe promete uma luneta mágica por meio da qual a visão lhe será possível, mas não sem antes advertir que é melhor ser cego do que ver demais.

A obra apresentada acima, apesar de publicada em 1869, situada no Rio de Janeiro sob o reinado de Dom Pedro II, se apresenta atual em suas reflexões sociais e sobre o emprego de lentes unilaterais (que enxergam um único aspecto) para fazer juízo das coisas. É possível dizer que aqui encontramos não só uma forte representação da sociedade da época em que o romance fantástico foi escrito, como também, da tendência humana de julgar o mundo e seus semelhantes através de óculos de lente única, que favorecem apenas uma parte do todo. Macedo representa com ironia, que surge dos julgamentos ingênuos de Simplício, a complexidade do ser humano, que não pode, nem por extremo esforço, caber num molde absoluto que configure exclusivamente o bem ou o mal.



Valendo-se de elementos fantásticos, Macedo constrói uma realidade onde o caráter maniqueísta das percepções tem consequências tangíveis e mordazes. E em que a reforma dessas percepções se torna imprescindível para a sobrevivência do personagem, e de fato, ainda que em seus próprios termos, essa situação representa a realidade da qual não podemos escapar. Julgar faz parte da vida, e julgar adequadamente garante nossa sobrevivência.

Pensando que Macedo, em *A Luneta Mágica*, reflete sobre essa ideia de bem e mal absoluto, apresentando uma visão que contempla a complexidade do caráter humano e a multiplicidade de nossas competências e afetos, ousou usar uma obra de Machado de Assis como exemplo de visão única, tendo em vista que esse autor trata de questões psicológicas e que, em suas obras, vai além das aparências de seus personagens. Sendo assim, desenvolve questões tratadas na obra de Macedo.

Em *Dom Casmurro*, grande obra de Machado de Assis, a questão que persegue muitos leitores é esta: “Capitu traiu, ou não?” O que nos interessa aqui é a sua visão de lente única. Tudo o que sabemos e conhecemos das ações de Capitu perpassa pelo julgamento e percepções de Bentinho, que a espia através de lentes ciumentadas, desconfiadas e esquisitas, de modo que se torna difícil fazer juízo acertado da personagem. E por quantas vezes, dominados pelos nossos afetos, não sacamos a lente do ciúme, do desejo, e tomamos partido baseando nosso julgamento numa percepção de lente única?

A questão é: decisões justas e acertadas não surgem de uma visão que favorece um único lado. Essa é a lição que aprendemos aqui. Para além de ciúmes, ódio, desejo ou amor, nossas lentes podem ser compostas por traumas, más experiências, crenças extremistas, nossas carências, o desejo de parecer maior, salamandras vingativas etc. Apesar de qualquer miopia, todos nós usamos lentes, nem sempre elas são corretivas, como as lentes oftalmológicas. Podemos ser simplistas no nosso olhar, podemos permitir que o outros moldem e direcionem nossas percepções.

Referência:

MACEDO, Joaquim Manuel. **A luneta mágica**. -2.-ed.-São Paulo: Martin Claret, 2012.

Simplício era ingênuo, moralmente míope, crédulo até os ossos, e por isso pode parecer distante da realidade de um mundo globalizado.

No entanto, é justamente neste mundo globalizado que, como Simplício, nos permitimos usar de lentes diversas, muitas delas falsas e de visão única para julgar as coisas, as pessoas e nossas próprias vidas. Na rede, muitas vezes, somos crédulos e como o pobre moço míope, aceitamos a fixidade da lente para além dos 3 minutos, voluntariamente. Diante da miopia moral de Simplício e de como nos sentimos tão mais aptos a julgar do que ele, podemos nos sentir como o próprio armênio durante a leitura, mas já aí nos revelamos tão míopes quanto o pobre moço. Afinal, faz parte da natureza humana pender para o lado que nos favorece, ou ainda relaxar e deixar o discernimento e a reflexão de lado, quando nos sentamos diante de lentes que parecem nos apresentar informações completas e julgamentos prontos. Abandonamos os nossos critérios, e abdicamos da reflexão para aceitar o que essas lentes nos apresentam.

De tudo o que foi dito, é certo que todo homem abriga em si mesmo o bem e o mal, e mesmo o bem pode vir a ser mal se assim decidirmos. Usar de lente única para guiar nossas percepções nos leva a julgamentos injustos, que não podem ser assertivos. Cada um de nós já se deparou com uma situação em que nossa percepção de lente única foi injusta, maldizemos alguém, rompemos laços só pra descobrir que havia um outro lado, uma outra perspectiva dos fatos que uma lente única não pôde contemplar. Decerto já experimentamos, ainda que pela pena de Macedo, que “A imperfeição e a contingência da humanidade são as únicas ideias que podem fundamentar um juízo certo sobre todos os homens.” (p.221)

**Tá
Rolando!**

GT DOS CURSOS

POR MIRIAN BRITO

O GT dos cursos e terminalidades é uma análise e reavaliação dos cursos e terminalidades do IHLM. A comissão do GT foi organizada por professores, técnicos administrativos e estudantes do Campus dos Malês, havendo um representante do BHU e de cada uma das terminalidades. Também integrou o GT de análise dos cursos e terminalidades do Campus dos Malês dois docentes e dois discentes do curso de Letras - Mirian Brito (titular) e Janaina Costa (suplente) - para acompanhar e contribuir com o documento. Ao participarmos do GT de análise de cursos e terminalidades, pude perceber a existência de uma disparidade e esquecimento por parte da reitoria para com o nosso Campus, e mesmo que o Curso de Letras não esteja sobre pressão para a desvinculação, como o BHU e as terminalidades, nós sentimos da mesma forma os impactos e fragilidades dos cursos de primeiro e segundo ciclo do nosso Campus. Durante todos os encontros do GT, nós pudemos observar, aprender e contribuir com as reflexões e desafios enfrentados para o desenvolvimento do documento que poderá contribuir para melhorias no nosso campus.



**REPRODUÇÃO:
@UNILABOFICIAL**



JORNALISTA JÚNIOR!

NOSSO JORNAL O PONTO CONTA AGORA COM A PARTICIPAÇÃO DE JORNALISTAS ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO. MAIS UMA INOVAÇÃO DE NOSSO PROJETO E QUE MUITO NOS ALEGRA E ENRIQUECE ESSA TRABALHO. CONFIRAM O TEXTO DELES!

Vamos conversar sobre: Faculdade.

Por Natan, Lavínia e Jasmim

Faculdade, talvez uns se animem com essa palavra, talvez se desesperem, fiquem preocupados, ou talvez simplesmente não se importem.

Primeiro, acho melhor explicar o que é faculdade. Faculdade é o ensino superior, onde obteremos a formação necessária para um emprego, sendo esse escolhido por nós. Suponhamos que escolhi fazer o curso de medicina, dentro da faculdade e, para isso, irei estudar os assuntos e matérias que se referem à medicina, como: biologia, química, dentre outros. Ou seja, assuntos que melhor me preparação para entender essa área. Medicina é o nome de uma área em que um grupo de assuntos irá nos mostrar, no geral, como tratar as pessoas. O mesmo sentido terá em outros cursos.

Porém, ainda percebe-se que muitos jovens, até mesmo adolescentes, sentem-se confusos quanto suas vidas, estudos e carreira a seguir, apesar do número de matrícula no ensino médio crescer.

No ano de 2021, em comparação ao seu antecessor, de acordo com uma pesquisa publicada no G1, houve um "[...]Aumento de 189.706 alunos no ensino médio (3%)." Ou seja, o fato dos números crescerem, não torna verídico que o ensino tenha melhorado ou que os jovens saibam bem o que querem. Portanto, em relação à faculdade, o problema continua e voltamos a nos tornar ignorantes, pois nem tudo que está na internet se entende ou se pode fazer sem auxílio ou explicações mais adequadas.





Mas, para evitar quaisquer confusões e/ou futuros transtornos, é necessário buscarmos auxílio e orientações para escolhermos o curso certo, aquele que mais combina com a gente. Escolher o curso certo, às vezes, é muito mais complicado do que possa parecer, pelo fato dos jovens acharem que o curso escolhido terá que ser cursado na área pelo resto da vida. Por esse motivo, é de fundamental importância que os jovens e adolescentes pesquisem bem sobre o curso, vendo todas as opções, para se certificarem se realmente é aquilo que se deseja, para que não haja investimento em algo que não seja propício a se fazer.

É aconselhável escolher um curso que envolva atividades que você goste de fazer, assuntos que você goste de estudar, para que a longo prazo não se sinta entediado por estar fazendo algo que não goste.

"Olá! Meu nome é Lavínia, tenho 17 anos. Atualmente, estou cursando o 3º ano do Ensino Médio.

Sou uma pessoa que não fala muito, mas observo bastante, gosto de ler e ouvir músicas clássicas, e ir à igreja. Sou uma pessoa "chata", e gosto de ser corrigida. Espero obter conhecimentos com vocês, e poder agregá-los com alguma coisa."



REPRESENTAÇÃO ESTUDANTIL: A IMPORTÂNCIA DO DCE

POR MIRIAN BRITO

NÓS PEDIMOS PARA QUE ESTUDANTES DO CAMPUS DOS MALÊS, QUE OCUPAM UMA POSIÇÃO REPRESENTATIVA JUNTO AOS ÓRGÃOS UNIVERSITÁRIOS, RESPONDESSEM ALGUMAS PERGUNTAS QUE PUDESSEM EXPLICAR MELHOR O PAPEL E A IMPORTÂNCIA DO DCE NA VIDA UNIVERSITÁRIA. AS PERGUNTAS FEITAS FORAM: 1) O QUE É O DCE? 2) QUAL A IMPORTÂNCIA DO DCE DENTRO DA UNIVERSIDADE? 3) EXISTE UM DCE DENTRO DO CAMPUS DOS MALÊS? 4) COMO A FALTA DO DCE PODE IMPACTAR DENTRO DA UNIVERSIDADE? 5) NESTES ANOS QUE VOCÊ ESTÁ NO CAMPUS DO MALÊS, HOVE ALGUMA ELEIÇÃO DO DCE?

VAMOS VER O QUE OS/AS NOSSOS/AS COLABORADORES/AS RESPONDERAM...

Israel Mawete - Presidente da Associação de Estudantes e Amigos da África (ASEA)



O DCE é uma sigla ou acrônimo que significa Diretório Central Estudantil (ou dos Estudantes). Dentro desse quadro, considerando a palavra "central", entende-se o DCE como órgão máximo que representa os estudantes numa determinada universidade. Em outras palavras, além dos Centros Acadêmicos dos cursos (CA) e da representação discente nos colegiados, o DCE é o maior mediador da relação entre os discentes, professores e técnicos administrativos na universidade. Portanto, como é uma instituição estudantil, a sua concretização requer organização política dos estudantes. Essa organização pode ser entendida a partir da mobilização dos estudantes na criação dos estatutos, realizar as eleições e o seu funcionamento normal.

Qualquer comunidade requer das pessoas desse grupo uma organização. De outra forma, é quase impossível falar das relações humanas sem o princípio da organização. Isso não é diferente quando se trata de comunidade acadêmica. Sabe-se que a comunidade acadêmica é formado por professores, discentes e técnicos administrativos de modo geral e também dos servidores terceirizados. Tal como outros seguimentos sociais se organizam através de sindicatos (professores e técnicos) como forma de atender as demandas destes institucional, os estudantes também devem se organizar para defender seus interesses e, nesse caso, a organização estudantil se dá pelo DCE como órgão central. Daí o DCE ter um papel muito importante em solucionar e mediar as demandas dos estudantes mediante a gestão da universidade.

Ademais, existem questões que os alunos por si só não conseguem resolver, envolvendo questões com docentes, com a administração universitária e com a situação estudantil no contexto nacional. O DCE, então, é o órgão por direito que pode mediar essas situações. Assim, uma das maiores importâncias do DCE é representar os alunos politicamente diante da universidade, considerando todas as demandas inerentes à vida estudantil.

Existe um DCE no Campus dos Malês, porém com mandato vencido desde 2020. Por conta da pandemia, não foi possível realizar uma consulta eleitoral. Nesse momento, o DCE é dirigido pela comissão gestora composta por representações discentes de colegiados dos cursos, por falta de centros acadêmicos de cada curso, outra questão que precisa ser pensada nos Malês. Partindo pelo pressuposto de que DCE é o representante máximo dos estudantes na universidade, a sua ausência impacta fundamentalmente na vida de estudantes em dois aspectos:



- a) Os estudantes ficam sem representação política e institucional na universidade;
- b) Faltando a representação, ficam sem poder de fala nos órgãos máximos que administram e legislam sobre a universidade. Assim, os estudantes ficam impossibilitados de apresentarem as suas demandas à gestão superior da universidade.

Já houve uma eleição para DCE nos Malês, que foi a primeira. Durante muito tempo, o DCE do Campus dependia da UNILAB-Ceará, o que significa que se criava chapas no Ceará e nós, aqui na Bahia, éramos obrigados a nos alinhar às chapas de lá através de representantes. Mas, em 2019, foi possível, através de uma resolução, dissolver o DCE, o que significa que há, nos dois estados, DCEs autônomos.



Sueide Menezes da Silva – representante discente titular do Bacharelado Interdisciplinar de Humanidade

O DCE é o Diretório Central dos Estudantes, a entidade que representa todos os estudantes na universidade. É um órgão extremamente importante dentro da universidade, sendo a entidade de maior representatividade dos estudantes dentro da universidade, um espaço de luta que tem o papel de organizar e dar voz aos estudantes, levar as demandas do corpo discente para as reuniões de colegiados e conselhos, cobrar da instituição os direitos dos estudantes.



Atualmente, não existe um DCE no Campus dos Malês. O que temos é uma comissão gestora formada pelos representantes de cursos diversos. Quando não se tem um DCE, a comunicação com a gestão fica péssima, os estudantes ficam perdidos e sem representação, e muitas das decisões tomadas não passam pelo corpo discente, acabando por serem decisões “de cima pra baixo”, sem participação dos estudantes.

Quando eu entrei na universidade já havia acontecido a eleição para o DCE e, no semestre seguinte, acabei entrando para a gestão estudantil e, logo depois, ocupei a representação discente do BIH. Atualmente faço parte da comissão gestora, mas nunca participei de uma eleição do DCE.



Aparicio Marques Vieira – ex-representante discente no CONSUNI por 3 anos, atual presidente da comissão gestora de DCE.

O DCE - Diretório Central Acadêmico – é o órgão máximo de representação estudantil em qualquer universidade. O DCE tem uma grande importância para os estudantes, porque é um órgão que faz ponte entre estudantes e gestão superior da Universidade. Qualquer que seja o problema que os discentes estão enfrentando na Universidade é o DCE quem toma a frente para resolver. As pessoas que compõem o DCE são indicados pelos estudantes e eleitas para defender os interesses da categoria discente.



No momento, temos uma comissão gestora do DCE pois, por conta da pandemia, o mandato antigo finalizou e não houve condições de uma nova eleição. Formou-se, então, uma comissão gestora composta por representantes discentes dos colegiados de diferentes cursos da nossa instituição para dar continuidade ao trabalho. Temos o nosso DCE diferente do Ceará, mas vale ressaltar que os DCE de Ceará e Bahia foram um só no passado. Porém, por conta das demandas diferentes dos estudantes, dividimos o órgão representativo e agora temos a nossa própria representação estudantil na Bahia. A reitoria só reconhece um DCE, mas dialoga com todos..

Sem órgão máximo de representação estudantil, pode gerar um caos na Universidade, pois quando uma universidade não tem um DCE as decisões sobre a vida estudantil ficam apenas nas mãos da gestão superior da Universidade. E... tipo... tomar decisão por mim, sem me conhecer? O DCE, como é formado por estudantes também, faz com que o diálogo fique mais fácil.

Já participei de duas eleições para o DCE aqui e estamos no esforço para fazer outra. Mas a pandemia tem sido um obstáculo para nós. No entanto, acreditamos que vamos conseguir.



Francisco Pereira dos Anjos Junior - Representante estudantil do Curso de licenciatura em História do Campus dos Malês

O DCE, é uma sigla que significa ou pelo menos deveria significar, “Diretório Central dos Estudantes”, e tem como principal objetivo agregar as lideranças coletivas dos Centros Acadêmicos, prezando pelos interesses dos estudantes. Na teoria, o DCE deve atuar para garantir os direitos dos alunos, sendo mais um espaço de luta e democracia e pela construção de uma sociedade mais crítica e consciente. Mas, na prática, não é assim, pois o DCE se tornou um espaço qualquer, sem representatividade.

Sem um DCE atuante, os alunos ficam à mercê dos desmandos das universidades. Já vi uma eleição, mas os representantes eleitos, pouco fizeram pelos alunos dos Malês.

Erica Paula de Vasconcelos dos Santos - Representante estudantil de Relações internacionais no Campus dos Malês, representante discente dos Malês no CONSUNI e integrante da Federação Nacional dos Estudantes de Relações Internacionais FENERI-CARIs (CARIs- Diretório Centrais de Estudantes)

A sigla DCE significa “Diretório Central dos Estudantes”, uma entidade representativa de todos os estudantes do Campus. É o local de debate, de democracia, de disputa de interesses, onde a categoria estudantil é a central e a mais importante. Na minha perspectiva o DCE, além de ser esse espaço de debate político, também é um espaço que visa contemplar a opinião dos estudantes, as suas demandas e as suas maiores necessidades. É um espaço de apoio e acolhimento a todos os estudantes, principalmente àqueles novatos que entraram recentemente na universidade e que se encontram perdidos com as políticas universitárias que os afetam. O DCE também é mais que um diretório estudantil, é um espaço de aprendizagem sobre qual é o caminho político que cada estudante pode escolher.



A importância do DCE está ligada justamente a esses caminhos políticos e auxilia o estudante a entender, dentro da universidade, quais as instâncias e entidades que existem, suas funções e a quais ele pode recorrer pra corresponder a uma determinada demanda. Por exemplo, a quem ele deve recorrer para participar de eventos acadêmicos nacionais e internacionais, programas de intercâmbio, projetos e programas diversos, para tirar dúvidas sobre qualquer questão. A importância do DCE não está somente na representatividade, em quem está representando esses estudantes, mas sim no viés que vem dessa representatividade, na dinâmica que vem dela, na militância que vem dela. Então, uma pessoa que está como representante estudantil no DCE precisa enxergar a importância da comunidade discente para saber melhor atender as suas demandas.



UNIÃO
NACIONAL
DOS
ESTUDANTES

O Campus dos Malês, atualmente, está sem um DCE propriamente dito, mas possui um grupo de movimentação política estudantil que não está o tempo todo em movimento. Já tivemos um DCE mais dinâmico. Lembro que na época que entrei na UNILAB havia o DCE em que Janica estava ali na liderança e eu sempre tive vontade de participar do diretório porque eu via a dinâmica existente. Qualquer decisão que vinha do Ceará passava primeiro pelo DCE, era discutido politicamente, era debatido, para depois fazermos uma assembleia dos estudantes pra passar essas informações. O DCE possui uma organização em sua estrutura que conta com secretário, tesoureiro, diretoria e presidência.

Houve muitas viagens para o Ceará, para Brasília, para movimentos políticos... protestos que o DCE participou e eu ficava com aquela vontade de participar da organização do diretório. Atualmente, por causa da pandemia, o DCE se fragilizou mais e foi criado um grupo político (quando eu digo político, quero dizer que é como se fosse um DCE), mas um DCE no Campus dos Malês não temos.

A falta do DCE nos Malês impacta em nossas vidas estudantis, pois muitas decisões importantes que vêm lá do Ceará, tomadas em reuniões afetam nossas existências na UNILAB. Por exemplo, a ajuda de custo durante a pandemia para a alimentação, o auxílio emergencial, essas decisões que estavam vindo, que são demandas oriundas dos alunos, não estavam tendo uma representatividade dos Malês na hora das discussões e decisões. Era comunicado que tinha que haver um DCE nos Malês e não tinha por que não haver um DCE formado. O grupo que tinha sido eleito anteriormente estava bem fragilizado, quase não existia, e não se formou outro. Então isso impactou diretamente na vida dos estudantes. A abertura do RU, a volta às aulas semipresenciais, o transporte estudantil, a moradia estudantil (que não existe), tudo isso é direito nosso e eu percebia um desequilíbrio na comunidade acadêmica pela falta das vozes estudantis dos Malês na busca por esses direitos. O pessoal não sabia articular exatamente como é que a gente teria essas demandas correspondidas, justamente porque estávamos sem representatividade. Então, no período pandêmico e pós-pandêmico, a gente continuou e continua sofrendo fragilidades porque não há um DCE propriamente dito no Campus dos Malês.

Sim, já participei das eleições do DCE, uma eleição muito disputada na época, era ainda no regime presencial e havia pessoas brilhantes disputando, pessoas que já tinham tempo na universidade e por isso eu não me sentia à vontade em participar de alguma chapa. Pessoas que conheciam a burocracia, a política, os documentos, as atas, pessoas com “sangue no olho” por assim dizer para disputar, pra ir além, para corresponder as ânsias vindas da comunidade acadêmica estudantil. Foi algo assim muito impressionante, tanto os candidatos que estavam ali pra participar das chapas, quanto a organização das chapas. E vários alunos estavam ali também ouvindo o que tinha-se para dizer. Havia momentos em que as chapas iam até o pátio pra falar quais eram seus projetos, as suas iniciativas. Eu lembro que, na época, falaram até de trocar o bebedouro semanalmente, falaram do aumento do auxílio, da diminuição do valor da taxa do RU. Então foram momentos muito brilhantes em que havia debates políticos, gente que trazia narrativas descolonizadas, narrativas antirracistas, anti-xenofóbicas... enfim, realmente a eleição para o DCE é impactante e já mostra realmente qual o caminho que o DCE tem que seguir.



Cátia Regina Correia - Uma das atuais representantes discentes no Colegiado do Curso de Licenciatura em Letras na UNILAB-Malês.

O diretório central de estudantes é a instância organizativa legítima de representação discente nas instituições de ensino superior e tem relação com cadeiras de representação locais e nacionais. Amparada pela UNE, União Nacional dos Estudantes, é de suma importância para que os interesses da comunidade acadêmica discente sejam pleiteados junto à estrutura burocrática oficial das universidades brasileiras, assumindo sua legitimidade, através de processo eleitoral democrático.

Geralmente o DCE está relacionado a outras estruturas de representação, como os Centros Acadêmicos. As chapas para o DCE são compostas por discentes que se interessam em atuar na liderança política dentro das instituições.

Com a deliberação do Conselho de entidades de bases, em meados de 2019, se formou uma comissão organizadora da eleição do DCE no Campus dos Malês, partindo de um processo eleitoral legítimo de disputa entre duas chapas. Foi a primeira vez, em minha trajetória acadêmica, que pude presenciar uma disputa da representação estudantil, composta majoritariamente por pessoas negras. É provável que a UNILAB-Malês seja a pioneira nesta configuração, além de ser referência nacional e internacional nos estudos culturais e decoloniais, principalmente nos eixos que relacionados a Raça e Gênero e território.

No entanto, com a vitória da Chapa 2, apesar da organização das lideranças estudantis do Malês, que é o único Campus fora do estado do Ceará, a eleição não foi reconhecida enquanto legítima juridicamente. Contudo, a relevância política do movimento foi primordial para que os estudantes envolvidos no processo assumissem cadeiras de representação nas instâncias possíveis. Sendo estes os conselhos e colegiados, que compõem as cúpulas de deliberação vigentes.

A invalidade oficiosa da eleição se deu por ser possível existir apenas um Diretório Central de Estudantes por instituição. O caminho mais plausível, após a eleição no campus da Bahia, seria unificar as representações estudantis dos quatro campi da UNILAB para que a comunidade pudesse representar os interesses e demandas, de acordo com as especialidades dos territórios.



Mesmo que juridicamente não possa existir mais de um DCE, politicamente é necessário que a organização dos estudantes do Campus dos Malês continue se debruçando sobre as instâncias oficiais, e que tais eleições de representação continuem com representantes que de fato entendam a complexidade de acessar a estrutura, por vezes burocráticas. É de suma importância que o Campus, com maior concentração de estudantes negros do Brasil, esteja representado de forma equânime em todas as instâncias. É urgente que, enquanto graduandos, e agora mestrandos, nos mobilizemos de maneira mais incisiva em nome dos direitos estudantis, em nome das políticas de permanência e das demandas estruturais que não atendem de forma satisfatória a necessidade geral da comunidade acadêmica sediada na Bahia. Na iminência do retorno das aulas presenciais, questões como espaço adequado para aulas e convivência, alimentação, mobilidade e auxílios em geral, de apoio à permanência estudantil, são temas primordiais a serem defendidos constantemente. Tais demandas estão sendo pleiteadas desde o início das atividades acadêmicas do Campus, em fevereiro de 2013, contando com cursos de graduação e pós-graduação a distância – no local funciona o Polo de Apoio Presencial. Em maio de 2014, tiveram início as atividades dos cursos presenciais e também iniciaram as ações nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, sem que pudéssemos ter acesso à estrutura ideal que uma Universidade Federal deveria dispor a seus agregados.

É provável que, em breve, haja uma nova eleição para o DCE, a partir do Campus Sede, no Ceará e, enquanto discentes, devemos voltar a atenção para a mobilização necessária, para que os Malês estejam devidamente representados nas instâncias gerais da instituição.





Se liga nessa



CARTEIRINHA 2022



SOLICITE RESPONDENDO O FORMULÁRIO NO SITE



QUEM TEM DIREITO?

2/3

- ✓ ESTUDANTES DO ENSINO PRESENCIAL OU EAD; FUNDAMENTAL, MÉDIO, TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO, TECNOLÓGICO E SUPERIOR;
- ✓ ESTUDANTE QUE MORA EM UM MUNICÍPIO E ESTUDA EM OUTRO DA MESMA MACROREGIÃO.

DOCUMENTOS NECESSÁRIOS

- ✓ 1 FOTO 3X4 (RECENTE E COLORIDA) PADRÃO DOCUMENTO;
- ✓ CÓPIA DO RG DO ALUNO OU CERTIDÃO DE NASCIMENTO DO MESMO COM A CÓPIA DO RG DA MÃE;
- ✓ CÓPIA DO COMPROVANTE DE ENDEREÇO ATUALIZADO CONTENDO O MESMO SOBRENOME DO ALUNO (ÁGUA, LUZ OU TELEFONE)
- ✓ DECLARAÇÃO ORIGINAL DA INST. DE ENSINO ATUALIZADA, CARIMBADA E ASSINADA PELO SEU REPRESENTANTE LEGAL OU COM O CÓDIGO DE VALIDAÇÃO.



3/3

O QUE FAZER?

- ✓ PREENCHA O FORMULÁRIO NO SITE (WWW.ASEF.ORG.BR) E EMITA O BOLETO.
OU, SE PREFERIR, PEÇA O FORMULÁRIO FÍSICO AO DCE UNILAB, CENTRO/DIRETÓRIO ACADÊMICO OU ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTE INTERNACIONAL;
- ✓ PAGUE SEU BOLETO EM QUALQUER AGÊNCIA BANCÁRIA, CASAS LOTÉRICAS, BANCO 24H, CORRESPONDENTES BANCÁRIOS OU APLICATIVOS BANCÁRIOS (NESTE CASO AJUSTE A DATA PARA O DIA QUE ESTIVER EFETUANDO O PAGAMENTO);
- ✓ ANEXE OS DOCUMENTOS NECESSÁRIOS. ENTREGUE NO POSTO DE ATENDIMENTO AO ESTUDANTE ABAIXO:
UNILAB - UNIDADE ACADÊMICA DOS PALMARES
BLOCO 3 - 2º ANDAR - SALA 211
SALA DO DIRETÓRIO CENTRAL ESTUDANTIL DA UNILAB
- ✓ APÓS REALIZADO ESSE PROCEDIMENTO, O PRAZO DE ENTREGA É DE 60 DIAS, NA SEDE DO DCE.



REPRODUÇÃO:
@DCEUNILABOFICIAL

RÚSSIA X UCRÂNIA

**POR GERALDO NINO IÉ
ESTUDANTE DO CURSO DE BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM
HUMANIDADES**

**VEM CONHECER 8 PAÍSES E OS SEUS LÍDERES ALIADOS DA
RÚSSIA NA “INVASÃO” CONTRA A UCRÂNIA**



A Ucrânia fazia parte da famosa União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), de 1922 a 1991, e tornou-se independente em 1 de dezembro de 1991, no mesmo ano da queda da União Soviética. Quinta-feira, 24 de fevereiro de 2022, a Rússia, de Vladimir Putin, invadiu a Ucrânia, de Volodymyr Zelensky. Entre as principais razões apontadas estão: a expansão da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) pelo leste Europeu e a possível adesão da Ucrânia à aliança militar.



No panorama atual, são 8 países aliados da Rússia na guerra contra a Ucrânia, que Putin ironizou de “Operação Militar Especial”. O posicionamento desses aliados ao lado de Putin, até o momento todavia, o deixa mais confiante e determinado nesta guerra. Um dos países que se dispôs a apoiar a Rússia desde o início foi Belarus, que faz fronteira tanto com a Rússia quanto com a Ucrânia. O presidente, Lukashenko, cedeu seu território para Putin conduzir testes militares, dentre outros exercícios. No entanto, isso é uma ajuda direta aos militares russos contra Kiev. Além disso, o chefe da diplomacia de Belarus diz “respeitar e compreender” a invasão russa e o reconhecimento da independência das regiões separatistas de Donetsk e Luhansk, ato visto como violação da carta da ONU no que tange à soberania e à autodeterminação dos povos.

Indo na mesma direção das narrativas russas, mas ao mesmo tempo tentando não se comprometer muito, a China, de Xi-Jinping, evita classificar o movimento russo de “invasão”. O gigante asiático limita a culpar os EUA por “exagerar” na perspectiva de expansão da OTAN para o leste europeu e a pedir diálogo entre ambas as partes. No entanto, não há dúvida que Pequim nunca vai se posicionar contra a invasão russa, opção revelada ao votar como abstenção na ONU pela condenação do ato. Naturalmente, pode-se considerar que condenar a Rússia é condenar a si mesmo ao que tange a possível anexação de Taiwan, um problema chinês há décadas.

Tentando ser “imparcial”, o presidente da Índia, Nath Kovind, não demonstrou o seu apoio pessoal a Putin. Na verdade, nós não podemos esperar todo apoio à invasão da Rússia de forma pública e clara, pois isso pode ter um preço econômico e político muito pesado para o país nas suas relações econômicas, comerciais e políticas com outras nações, principalmente, com os ocidentais. Mas também Kovind manteve muita cautela de não condenar o ataque de Moscovo ao país vizinho de forma oficial, tendo decidido votar pela abstenção no Conselho de Segurança da ONU. Isto é, de qualquer forma, mostrando a sua aproximação a Moscovo.



Alguns países, como Cuba, criticaram fortemente os EUA. Canel Bermúdez, presidente de Cuba, atacou a imposição norteamericana feita através do dito “a expansão progressiva da OTAN em direção às fronteiras da Rússia”. Com isso, Havana mostra que continua firme ao lado de Moscovo, certamente, por sua antiga relação. O outro Estado que precisa ser mencionado é o Irã, que não escondeu o seu apoio a Putin desde cedo. O presidente Ebrahin Raisi disse a Moscovo que a movimentação da OTAN é uma “séria ameaça”. No entanto, essa chamada de atenção é talvez no âmbito econômico, ou seja, não relativo à invasão ou guerra propriamente dita por parte da OTAN à Rússia, sabendo da potência militar de Moscovo e a sua importância comercial para os Estados membros da organização. Inegavelmente, Daniel Ortega, presidente da Nicarágua, não tem como ficar de fora neste diálogo, pois foi um dos primeiros líderes mundiais a apoiar publicamente a Rússia no ataque à Ucrânia. Disse Ortega: “tenho certeza de que, se eles fizerem um referendo como o realizado na Crimeia, as pessoas votarão para anexar os territórios à Rússia”. É um pequeno opositor dos EUA na América Central desde sempre.



A Síria também é um outro país que apoia a Rússia, esquecendo todas as consequências que o conflito pode ter. Segundo o ministro das Relações Exteriores, “a Síria apoia a decisão do presidente Putin de reconhecer as repúblicas separatistas de Lugansk e Donetsk e irá cooperar com elas”, ignorando que o interesse de Moscovo está para além de reconhecer tais regiões.

É muito claro que Nicolás Maduro, o presidente da Venezuela, não se posicionará contra Putin, de quem recebeu um apoio que resultou na sua permanência no poder até hoje, depois da tentativa dos EUA de reconhecer o líder de oposição como presidente. Maduro ganhou a oportunidade de se posicionar contra os EUA e o fez publicamente. Ainda afirmou que tem “certeza de que a Rússia sairá dessa batalha unida e vitoriosa”.



Já chega de apoiar Rússia, OTAN ou qualquer que seja. Todavia, está na hora de parar a guerra e privilegiar o diálogo franco e profundo, a fim de acabar com esse conflito que tira a vida dos civis, principalmente das mulheres e crianças, a cada minuto. Há quem diga que a Rússia é provocada pelos EUA para agir deste jeito? É possível que seja, mas quem sofre agora é o povo ucraniano. Portanto, se estes Estados continuarem determinados ao lado de Putin durante o conflito, e uma eventual ataque da Rússia a um membro da OTAN, será, possivelmente, uma terceira guerra mundial. É evidente que a humanidade entrará numa crise nunca vista na história. Por isso, espero que haja uma solução pacífica o mais rápido possível. Queremos a paz!



POLITICAMENTE *letrando*

POR CAMILA TRIBESS
DOUTORANDA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

RÚSSIA X UCRÂNIA? OU MAIS UM PALCO TERCEIRIZADO DE QUESTÕES GEOPOLÍTICAS COMPLEXAS?

A Rússia é um país agressor ao seu vizinho Ucrânia e o custo em vidas e em impactos na organização social e política da Ucrânia - e mesmo de toda a Europa - ainda não pode ser calculado. Não há defesa para essa agressão e é preciso responsabilizar os culpados. Enquanto analistas de política internacional, é importante ampliar um pouco a análise sobre 2 pontos: a postura da Rússia ao realizar a agressão e os países que, à primeira vista, "apoiam" a invasão.

O primeiro ponto tem sido explorado pela mídia brasileira e internacional de forma exaustiva e bastante acrítica. A expansão da OTAN para a zona de influência russa é, sem dúvida, uma questão de segurança nacional para o gigante país governado há mais de 2 décadas por Vladimir Putin. Ter bem à sua porta missões, testes militares e armamentos financiados de forma substancial pelo grande rival - Estados Unidos - certamente não está nos planos do governo Russo. Assim como os Estados Unidos não aceitam que seus vizinhos, como México ou demais países da América Central, estabeleçam parcerias militares com países como China ou Rússia, por exemplo. Numa briga de gigantes, é preciso saber com quem se pode negociar.

É sempre bom lembrar da interferência constante, assassina e cínica dos EUA em todos os países da América Latina, financiando ditaduras, golpes de estados, assassinatos e custeando a chamada "guerra às drogas", que não passa de um processo de assassinato em massa de pessoas pobres, em sua maioria negras e indígenas, nos países do continente americano. Uma guerra financiada há décadas pelos mais diferentes governos estadunidenses. Nada disso inocenta qualquer invasão militar, mas é sempre bom lembrar que, quando se trata de política internacional, ninguém é bonzinho ou inocente.

Outro argumento explorado por Putin, que evidentemente é bastante retórico, é o crescimento de forças neonazistas no governo ucraniano. Apesar de Zelensky ser judeu e estar acenado para o apoio e mediação de Israel, ao mesmo tempo, os grupos declaradamente neonazistas, como o Batalão Azov, foram incorporados às forças militares - e, não por acaso, grupos diversos da extrema direita europeia e até brasileira têm se juntado à causa ucraniana. Ao mesmo tempo, 11 partidos opositores ao governo Zelensky foram proibidos de funcionar. É um aceno perigoso ao autoritarismo que, infelizmente, a lei marcial permite.



Existem grupos neonazistas em todos os países europeus e eles vêm crescendo na última década, inclusive na Rússia, mas esse é um argumento a se considerar numa guerra que é também travada no campo da informação. Abro aqui um espaço para destacar: Volodymyr Zelensky é um governante inexperiente e tem agido de forma irresponsável com seu povo. Não se trata de se curvar às vontades russas, mas a forma desastrosa com que as negociações foram tratadas demonstra também uma vontade pessoal dele se afirmar enquanto liderança populista às custas de uma guerra, juntamente com um tensionamento desproporcional por parte do governo dos EUA. Eleger governantes irresponsáveis pode custar muito caro e o preço ser cobrado em milhares de vidas, como bem sabemos no Brasil do governo Bolsonaro.

É preciso incluir também nessa análise o contexto mundial de crise econômica, em que a venda de armamentos é sempre bem-vinda para aqueles que lucram com a indústria armamentista - essa sim, nunca perde guerra alguma. Diversos países europeus, entre eles Alemanha, Polônia e países da ex-URSS têm sido muito solícitos ao enviar armamentos para a Ucrânia. Seria por solidariedade ao povo ucraniano? Talvez. Mas principalmente para se verem livres de armamentos antigos e defasados, que dependem da própria Rússia para serem mantidos (pois são ainda da época da União Soviética). Assim, esses doadores de armamentos serão recompensados com equipamentos novos e modernos garantidos pelos EUA e pela OTAN. Pois é, ninguém é bonzinho numa guerra!



Entro agora no ponto sobre os supostos apoios à Rússia. É temerário acreditar que países como Venezuela, Cuba, Irã e Síria de fato têm alguma escolha se não apoiar qualquer ação russa. E a responsabilidade dessa situação é exatamente dos bloqueios econômicos realizados pelos EUA que, há décadas, vêm causando a miséria entre a população desses países, jogando os governos - de qualquer viés ideológico - no colo da influência russa, mas também chinesa. Falando na Síria, sempre é bom lembrar que a guerra civil que destruiu esse país foi mais um "palco terceirizado" do embate entre EUA e Rússia e que, efetivamente, Bashar Al-Assad venceu essa guerra com apoio de Putin. A China é o único país que tem escolha, mas como política já consolidada da diplomacia chinesa, eles não interferem diretamente nos conflitos, especialmente nos causados ou mobilizados por países ocidentais. A política chinesa é de "ouvidos de mercador" e o importante, ainda mais nesse momento, é manterem sua posição dominante no tabuleiro internacional.

Finalmente, para não alongar o texto, mas deixando pistas para que as/os leitoras/os busquem mais alguns aprofundamentos, quero falar da posição de diversos países do continente africano quanto à esse conflito. Nunca é demais lembrar que inúmeros conflitos no continente, com centenas e milhares de mortos e deslocados, simplesmente não são matéria na mídia mundial. Mas para além disso, a postura de países como África do Sul, Angola, Moçambique e Senegal foi de se abster na votação da condenação da invasão na Assembleia da ONU. Por que fizeram isso? Seriam favoráveis à invasão? NÃO! Estão apenas a tomarem uma postura cautelosa e, principalmente, questionando a hipocrisia e o cinismo ocidental, em especial de países da Europa e dos EUA, que ou não debatem os conflitos no continente africano de forma séria nesse mesmo espaço, ou inclusive financiam diversos golpes de estado, atentados e fomentam divisões e conflitos para se beneficiarem diretamente. Outro ponto que pesou na postura dos 17 países africanos que se abstiveram foram as denúncias de racismo que imigrantes desses países têm sofrido na Europa, muitas vezes sendo impossibilitados de deixar o território ucraniano. Quando países como Polônia abrem suas portas, entregam comida, roupas e até carrinhos de bebê para refugiados, eles precisam ser brancos. Todos os considerados não-europeus não são bem-vindos e não ganham simpatia ou solidariedade internacional, como bem sabemos. Basta lembrar das cenas dos refugiados sírios, muitos mantidos em prisões gigantescas ou deixados para morrer em barcos na travessia em busca de um lugar seguro na Europa.

Sempre é bom ter cautela ao olharmos para esse conflito, com cuidado para a visão simplista da mídia ocidental, afogada em seus preconceitos. É preciso entender os diversos interesses envolvidos e sermos solidários com a população que sofre na pele pelos conflitos, mas sempre com o cuidado de não sermos cúmplices da ideia colonial e imperialista que nos colocam de que algumas vidas são mais passíveis de compaixão do que outras.

Dica para quem quiser se aprofundar: Podcast Xadrez Verbal (episódios #277 e de #282 a #286).

Link: <https://xadrezverbal.com/>



RELATO DE EXPERIÊNCIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A MONITORIA NA DISCIPLINA LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO II

POR CRISTIANO JOSÉ DOS SANTOS MONTEIRO
ESTUDANTE FORMANDO DO CURSO DE
HUMANIDADES - UNILAB/MALÊS

Monitoria

O presente texto aborda sobre a minha experiência como monitor na disciplina Leitura e Produção de Texto II (LPT II), do Instituto de Humanidades e Letras (IHL), no semestre 2021.1 na Unilab - Campus dos Malês. A vaga de monitoria correspondia ao Edital da PROGRAD nº 30/2021, de 28 de setembro de 2021, que visou a seleção de monitores para o Programa de Bolsa de Monitoria (PBM). Vale salientar que a disciplina foi ministrada pela Profa. Dra. Lavínia Rodrigues de Jesus, professora integrante do Colegiado de Letras - IHL/Malês.

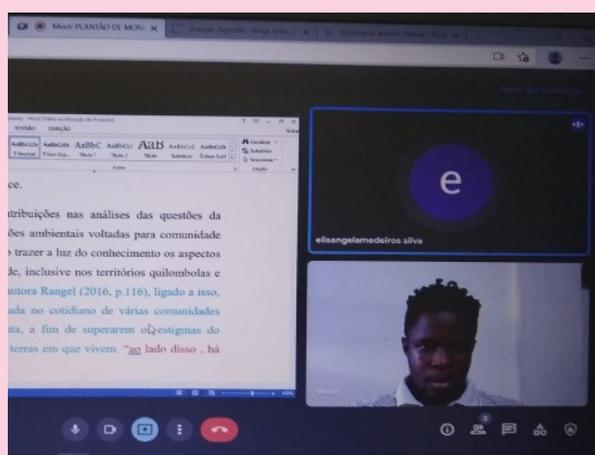
Ora, esse texto procura descrever as atividades e outras obrigações relativas à monitoria que tiveram início no dia 25 de outubro de 2021, com a "Reunião de Orientação do PBM". Seguindo-se o encontro com a professora orientadora da disciplina, realizou-se a assinatura do Programa de Atividades e o Termo de Compromisso. Por sua vez, sugeri a criação de um grupo da turma no *whatsapp*, de forma a viabilizar a comunicação entre os/as colegas matriculados/as na componente curricular. Em segundo lugar, foi criado um formulário (Google Forms) para mapear a disponibilidade dos dias e horários dos/as estudantes, com o objetivo de participarem nos plantões de monitoria.

Partindo desta medida, estipulou-se 5 (cinco) plantões de monitoria durante a semana, correspondendo até o dia de sábado, em função de um estudante só ter disponibilidade neste dia. De certa forma, os plantões procuravam esclarecer possíveis dúvidas sobre a aula anterior e também pela execução, esclarecimento da tarefa da semana, comumente recomendada pela professora Lavínia. É primordial destacar que as disciplinas de LPT (I e II) constituem componentes curriculares que auxiliam os/as estudantes a construir textos acadêmicos e compreenderem determinados gêneros textuais, fato que se relaciona com as temáticas estudadas na disciplina nomeadamente o texto argumentativo e a produção de artigo acadêmico.



A função de monitor desencadeou para mim enormes oportunidades e experiências, por se tratar da minha primeira vez a monitorar uma disciplina, passando a ser um meio para rever alguns conhecimentos que aprendi quando cursei a disciplina, em 2019. Por outro lado, por ser um momento decisório de minha formação, isso pela condição de formando no curso de Humanidades, vejo a importância de exercer responsabilidades como esta no meio acadêmico, porque acredito que servem de repertório para o Currículo Lattes, de forma a se concretizar desafios posteriores como, por exemplo, a participação de uma seleção num programa de Mestrado.

Considero que as temáticas abordadas no componente curricular ajudaram bastante os/as colegas matriculados/as, sendo que se objetivou a escrita de um artigo na disciplina. Este detalhe dialoga com o período em que frequentei a disciplina, porque foi daí que aprendi as bases para se construir um artigo, isso no semestre 2019.2. Então, passou a ser tão interessante voltar a aperfeiçoar este conhecimento sobre a produção de artigo, na medida que, mesmo sendo monitor, também passei a me beneficiar das explicações, bibliografias, orientação da professora para a realização das atividades de monitoria, entre outros. Vale destacar que a produção de artigo se apresenta como uma forma de demonstrar as capacidades dos/as estudantes em demonstrar o raciocínio e qualidade textual.

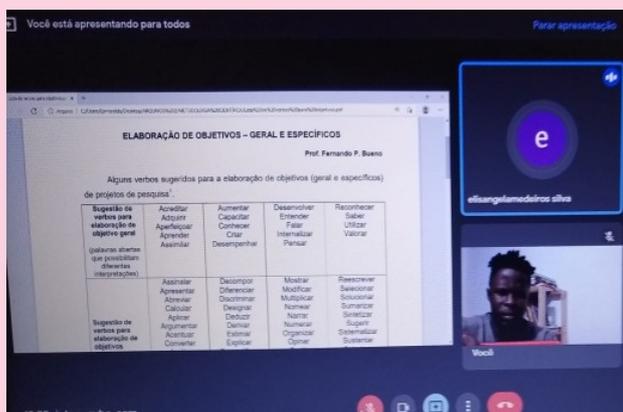


FOTOGRAFIA - 1
FUNTE: IMAGEM
FOTOGRAFADA DE MEU
CELULAR NO DIA (10/11/2021).

Motta-Roth e Hendges (2010), consideram que, no ambiente universitário, as políticas que envolvem o financiamento de bolsas de iniciação científica, de bolsas de pós-graduação, bem como de projetos de pesquisas, têm sido pautadas no referido ditado “Publique ou pereça” (*Publish or perish*) das universidades americanas. Assim, a pressão para escrever e também publicar faz com que alunos, professores e pesquisadores universitários se esforcem para elaborarem textos com qualidade, quer como artigos para periódicos acadêmicos e livros para editoras, como um elemento de manter espaço profissional. Por conseguinte, na cultura acadêmica, o processo de produção intelectual é mensurado pela produtividade na publicação.



FOTOGRAFIA - 2
FONTE: IMAGEM FOTOGRAFADA DE
MEU CELULAR NO DIA (23/11/2021).



FOTOGRAFIA - 3
FONTE: IMAGEM FOTOGRAFADA DE
MEU CELULAR NO DIA (16/12/2021).

REFERÊNCIA:
MOTTA-ROTH, DÉSIREE;
HENDGES, GRACIELA R.
PRODUÇÃO TEXTUAL NA
UNIVERSIDADE. SÃO PAULO:
PARÁBOLA EDITORIAL, 2010.

Conforme pudemos observar, a produção intelectual é uma prática operacionalizada com a publicação de textos, visando contribuir para a reflexão de um tema. Concomitantemente, auxilia na resolução de problemas sociais, sabendo que a universidade ao formar o ser humano o capacita para compreender a realidade social.

Logo, o trajeto como monitor da disciplina de LPT II se estabeleceu como um canal de aprendizagem e experiências, uma vez que as dificuldades foram ultrapassadas por meio da execução das atividades traçadas no Plano de Atividades, que foi entregue ao PBM. De fato, é satisfatório perceber que ao compartilhar minhas impressões sobre as temáticas nos plantões de monitoria, os/as colegas se sentiram auxiliados/as para produzirem seus artigos individuais, o que pode permitir a estes aprofundarem suas pesquisas e possivelmente transformarem os artigos em Trabalho de Conclusão de Curso, ou outra proposta que visa alcançar as metas dos/as colegas na formação acadêmica. No entanto, isso dialoga mais uma vez com a ideia “Publique ou pereça” enfatizada por Motta-Roth e Hendges (2010).

A seguir apresento fotografias de alguns encontros individuais de monitoria:

MEL MALÊS – PORQUE NOSSA RESISTÊNCIA PODE SER DOÇE!

DA REDAÇÃO



Nos dias 16, 17 e 18 de março, foi Inaugurado o nosso “Mestrado em Estudos de Linguagem: contextos lusófonos Brasil-África” ou, como é carinhosamente chamado, “MEL-Malês”. O evento foi organizado pela Coordenação do Mestrado e pela Direção do Campus dos Malês e contou com presenças ilustres, falas de grande relevância social e acadêmica e, é claro, os discentes e docentes do primeiro curso de Mestrado do Campus dos Malês. Não faltou emoção, contentamento, aprendizado e muito calor humano na ocasião que também marca o retorno presencial ao Campus baiano da UNILAB.

O primeiro dia do evento foi destinado à aula magna em formato híbrido que contou com a presença de autoridades da UNILAB, de São Francisco do Conde e do estado da Bahia. Foram proferidas palavras de parabenização à equipe que se dedicou por longos meses à construção do Projeto do Curso, enfrentando as burocracias internas e externas à UNILAB, sem contar na diligência avaliativa realizada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. “Um trabalho cansativo, desgastante e que nos fez até ouvir que passaríamos vergonha com a CAPES na apresentação da proposta”. Como lembrou a Prof^a Dr^a Eliane Gonçalves da Costa, Coordenadora do MEL. Ledo engano. O corpo docente não passou nem de longe essa vergonha. Na verdade, como comprova o parecer emitido pelos avaliadores CAPES, a proposta e o corpo docente possuem “alto nível de excelência”, o que traz para o MEL Malês grandes perspectivas de um futuro brilhante.



1 - PROF. ELIANE GONÇALVES - COORDENADORA DO MEL.

O reitor da UNILAB, Prof. Dr. Roque Albuquerque incentivou os/as discentes presentes dizendo que mais importante que cruzar a linha de chegada é não desistir do caminho, se dedicar e reunir forças e possibilidades para melhor realizar o percurso. Como forma de incentivo – e esperamos que não pare por aqui – o reitor assegurou a cota de 1 (uma) bolsa para o MEL. Não resolve, mas é um começo... e esperamos que outras tantas bolsas virão em breve! Da gestão superior também estavam presentes (de forma virtual) a vice-reitora, Prof^a Dr^a Claudia Carioca, o pró-reitor de pesquisa e pós-graduação, Prof. Dr. Olavo Garantizado, e o coordenador de pós-graduação, Sr. Carlos Alberto Muniz. Todos reforçaram a alegria de estarmos realizando essa conquista e a importância do desenvolvimento da pós-graduação da UNILAB, sobretudo na região do Campus dos Malês. Ficou, nas palavras do senhor reitor, a provocação de, daqui a uns anos, criarmos o primeiro doutorado do campus. Quem viver, verá!

A representação discente esteve presente na pessoa da estudante de Letras Mirian Brito que, na ocasião, representava o Diretório Central dos Estudantes da UNILAB, órgão representativo maior dos discentes. Mirian – que é também colaboradora do Ponto – falou da importância de termos o MEL nos Malês, inclusive como oportunidade para incrementos acadêmicos para o Curso de Letras. A estudante defendeu a ideia de que, mesmo com uma infraestrutura precária, o Campus dos Malês vem resistindo e fazendo a universidade acontecer das melhores formas possíveis. Ela terminou sua fala dizendo aos estudantes que não se deixem abater pelas dificuldades que sempre ocorrem durante os processos formativos e que criem redes de apoio e solidariedade para os momentos mais difíceis.



3 - PARTICIPAÇÃO VIRTUAL DAS AUTORIDADES DA UNILAB



2 - REITOR DA UNILAB - PROF. ROQUE ALBUQUERQUE



4 - MIRIAN BRITO - REPRESENTANTE DO DCE

A aula magna também contou com o apoio da ASSUFBA (Sindicato dos Trabalhadores Técnico-administrativos em Educação das Universidades Públicas Federais no Estado da Bahia), na figura da Sr^a Adelmária Ione dos Santos, coordenadora de formação sindical, e da APUB (Sindicato dos Professores das Instituições Federais de Ensino Superior da Bahia, através de seu presidente, Emanuel Lins. Os dois representantes sindicais destacaram a importância da missão da UNILAB em termos de um projeto de educação antirracista, comprometido com as mudanças sociais necessárias, sobretudo no combate ao pensamento raso que insiste em privilegiar uns e desprezar outros. “A UNILAB é um projeto de universidade verdadeiramente para todos”, o que traz um significado mais expressivo para sua função na interiorização e na internacionalização do ensino superior, arremata Emanuel Lins.

No campo político, a prefeitura de São Francisco do Conde foi representada pelo discente da UNILAB e representante da Câmara dos Vereadores da cidade, José Raimundo Fonseca. Já pela Secretaria Estadual de Educação da Bahia contamos com a presença do Prof. Marcius Gomes. Ainda nesse campo representativo, contamos com a presença do presidente do Conselho Estadual de Educação da Bahia, Sr. Paulo Gabriel Nacif. As falas seguiram a linha das parabenizações e contentamentos expressos pela existência do MEL Malês, sendo que Marcius Gomes destacou que “A UNILAB tem suas propostas em muito representadas e apoiadas pelas políticas de governo do PT, as quais operam historicamente no campo da luta e da resistência.” É fundamental que a UNILAB estreite laços com a prefeitura de São Francisco do Conde, bem como com a rede de educação da Bahia, para que muitos projetos proveitosos sejam construídos em prol do desenvolvimento humano e regional do entorno do Campus dos Malês. Que as autoridades estejam sempre alertas e prontas a construir pontes, em vez de muros!



**5 - AUTORIDADES POLÍTICAS, SINDICAIS
E DO CAMPUS DOS MALÊS.**

No rol das representações do Campus dos Malês, tivemos a fala do decano do curso de Letras presente, e também docente do MEL, Prof. Dr. Eduardo Ferreira, representando o Colegiado de Letras, apresentou seu contentamento por ter feito parte da construção do MEL, que hoje se concretiza. Igualmente, na posição de representante do diretor do Instituto de Humanidades e Letras, fez-se presente o Prof. Dr. Ramon Capelle, que destacou a importância do MEL para o projeto maior da UNILAB que é a “linguagem” em sua ampla acepção.

Finalizando as falas do primeiro dia do evento, a Diretora do Campus dos Malês, Prof^ª Dr^ª Mirian Reis recordou historicamente o que é ser “Malês” e o que significa ser “do Malês”, agora que, em 12 de maio de 2022, o Campus completará 12 anos de existência e resistência. Destacou que a inauguração do MEL representa o resultado de um esforço coletivo que segue o legado deixado pelo presidente Lula a essa nação. Quando ainda na presidência, Lula pediu perdão mundialmente pela escravidão no Brasil, vergonhasamente o último a aboli-la. Esse pedido, disse a professora Mirian, não foi feito no âmbito individual, mas sim nos deixando a responsabilidade coletiva sobre essa luta. A UNILAB, portanto, é parte do cumprimento dessa responsabilidade. A professora Mirian lembrou da “ousadia” da então prefeita de São Francisco do Conde, Rilza Valentim de Almeida Pena, indo a Brasília buscar o apoio do Ministro Haddad para que a UNILAB tivesse um campus na cidade do Recôncavo Baiano.

A professora Mirian fez o emocionante relato a seguir:

“Em 2017 participei da missão de aplicação de provas em Luanda. O PSEE (Processo Seletivo de Estudantes Estrangeiros), apesar de ser bem mais inclusivo que o PEC-G (Programa de Estudantes de Convênio de Graduação – CAPES), tem a dificuldade de um vestibular, e muitas famílias investem seus sonhos e economias para que os filhos venham estudar na UNILAB. Então xs candidatxs vão fazer a prova sob muita tensão.



6 - DIRETORA DO CAMPUS DOS MALÊS - PROF^ª MIRIAN REIS

Naquele momento, mais do que assumir um lugar de fiscal ou bedel, entendi que meu papel era de acolhimento e encorajamento, e falei palavras de motivação, do tipo: ‘você estudaram, confiem no seu potencial’ ou ‘quero vê-los em breve no Brasil!’ Um dos candidatos era o Deyd, que gosta de ser chamado de Pau de Cabinda. Ele foi aprovado para Letras, no Ceará, e nós nos reencontramos, na semana passada, 5 anos depois, na primeira aula dessa nossa primeira turma do MEL. Por uma enorme coincidência, eu estou vestida com a mesma roupa que vestia 5 anos atrás. E nos reconhecemos na sala virtual e ele me disse: “professora, você tinha razão! Deu tudo certo e eu estou aqui!” Foi muito emocionante!!! Dois momentos do tempo unidos por jogo encontro, nas listras de uma camiseta antiga... Nos sonhos de ser Unilab!!!”

A diretora do Campus encerrou sua fala e as atividades do primeiro dia do evento dizendo que o Campus dos Malês já formou quase 700 pessoas, entre brasileiros e africanos, a grande maioria composta por pessoas negras. Certamente, não houvesse a UNILAB-Malês, essas pessoas teriam sérias dificuldades para acessar a universidade pública e de qualidade.



7 - MIRIAN E DEYD EM EMOCIONADO ABRAÇO!

AULA INAUGURAL E SEMINÁRIO DE PESQUISA INTERDISCIPLINAR DO MEL

Os dias subsequentes à aula magna foram dedicados às questões acadêmicas que permeiam as três linhas de pesquisa do MEL, bem como serviram para reforçar os propósitos maiores do Mestrado em Estudos de Linguagem: Contextos Lusófonos Brasil-África.

Nosso segundo dia de evento foi marcado pela palestra da Prof^ª Dr^ª Georgina Gonçalves, da UFRB, que explanou sobre a o lugar da mulher negra na academia e na produção científica. A professora trouxe à tona as contribuições imensas de bell hooks, Lélia Gonzales, Sueli Carneiro e tantas outras que jogam luz à produção acadêmica das mulheres negras num mundo dominado pelo racismo e pelo machismo estruturais.

A professora Georgina Gonçalves foi candidata à reitoria da UFRB, em 2019, tendo sido a mais votada na consulta feita à comunidade acadêmica e ocupado o primeiro lugar da lista tríplice submetida ao governo federal. Infelizmente, a presidência não escolheu a mulher negra e preferiu um homem branco, ainda que de esquerda. A situação revoltou muitas pessoas à época, causando um desconforto generalizado nas universidades brasileiras a partir de uma explícita repressão advinda de um governo de extrema direita, conservador e que representa todas as piores mazelas sociais ainda existente entre nós. Ainda assim, Georgina continua na luta, espalhando conhecimento, sabedoria e servindo de grande exemplo às mulheres negras desse país.

Já no terceiro dia, fomos brindados com a fala em vídeo da Profª Drª Florentina Souza (UFBA), que nos trouxe importantes conhecimentos e reflexões sobre a literatura africana, negra e afro-brasileira. A professora resgatou a história de grandes nomes que compõem essas literaturas, bem como suas importâncias políticas e formativas para a sociedade como um todo. Em seguida foi a vez da Profª Drª Ana Lúcia Gomes da Silva (UNEB) discutir caminhos de pesquisas dentro do ensino de linguagem(ns) numa perspectiva decolonial. Por fim, a Profª Drª Yeda Pessoa de Castro (UFBA), uma das maiores linguistas e pesquisadores das línguas africanas e do português afro-brasileiro, fez sua fala a respeito de sua trajetória de pesquisa, trazendo informações preciosas sobre como o nosso português é negro. Com certeza, três grandes mulheres, três grandes cientistas, que muito nos honraram com suas partilhas e vivências.

O MEL foi inaugurado em grande estilo e sua primeira turma já tem muito do que se orgulhar! Quer saber mais sobre o MEL Malês?

Visite a página do curso <https://melmales.unilab.edu.br/> e siga o perfil @melmales no Instagram.



**10 - PROFESSORA
ANA LÚCIA GOMES
DA SILVA**

**11 - PROFESSORA
YEDA PESSOA DE
CASTRO**



**8 - PROFESSORA GEORGINA
GONÇALVES.**



**9 - EXIBIÇÃO DA FALA DA
PROFESSORA FLORENTINA
SOUZA.**

12 - DISCENTES DA PRIMEIRA TURMA DO MEL MALÊS



13 - OS DISCENTES E A COORDENADORA DO MEL



14 - DOCENTES E DISCENTES DO MEL LADEANDO A PROFª YEDA NO ENCERRAMENTO DO EVENTO



“EU SOU MULHER
DE UM JEITO FENOMENAL.
UMA MULHER FENOMENAL,
ESSA SOU EU.”

(TRECHO DO POEMA MULHER-FENOMENAL DE MAYA ANGELOU)

VIVA ÀS MULHERES!
VIVA A TODO O FEMININO!

NO MÊS DA MULHER, VAMOS HOMENAGEAR NOSSAS REFERÊNCIAS, CELEBRAR OS AVANÇOS E CONQUISTAS DAS MULHERES AO LONGO DOS SÉCULOS E VALORIZÁ-LAS COMO PARTE DA SOCIEDADE. NO DIA DA MULHER, CELEBRAMOS DIVERSAS CONQUISTAS FEMININAS, MAS A DATA TAMBÉM SERVE COMO ALERTA SOBRE OS GRAVES PROBLEMAS DE GÊNERO QUE PERSISTEM NO MUNDO.

NO DIA 08 DE MARÇO, NÃO DESEJAMOS SÓ UM FELIZ DIA DA MULHER. NÓS DESEJAMOS UMA VIDA DE DIGNIDADE, IGUALDADE, LIBERDADE, RESPEITO E AMOR PARA TODAS AS MULHERES. QUE NÓS, MULHERES, SEJAMOS HOMENAGEADAS TODOS OS DIAS COM A INTENSIDADE QUE MERECEMOS.

E NESSE CLIMA DE HOMENAGEM, PARABENIZAMOS AO MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS: CONTEXTOS LUSÓFONOS BRASIL - ÁFRICA, DO CAMPO DOS MALÊS, PELO INÍCIO DE SUAS ATIVIDADES.

VIDA LONGA AO MEL-MALÊS!
MALÊS RESISTE!

WÂNIA E LAVÍNIA



PALAVRAS DA
COORDENAÇÃO



Sem ponto
O PODCAST DO
JORNAL O PONTO!

**CULTURA SIM.
SEMPRE!**

O episódio do sem ponto do mês de março, recebeu um convidado super especial!

Uarlen Becker conversou com a gente sobre sua trajetória como agente cultural e deu detalhes de suas produções.

Tá imperdível!

Aperta o PLAY e ouça o SEM PONTO.





O Ponto



Dúvidas?
Críticas?
Sugestões?

Quer fazer parte de nossa equipe?

jornaloponto@unilab.edu.br

Siga-nos em nossas redes sociais

